Cabaré Cibernético: entre o riso, o desejo e as violências do mundo digital

Por Bramma Bremmer

No terceiro dia de apresentações do Festival Estudantil de Teatro - FETO, em sua 23ª edição, no dia 29 de outubro de 2026, a categoria Escola de Teatro recebeu, no palco da Funarte MG, a apresentação do espetáculo *Cabaré Cibernético*, do coletivo Cabaré Incoerente, do Rio de Janeiro, um grupo de pesquisa ligado ao curso de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

É muito interessante porque se trata de um grupo de pesquisa que já tem uma continuidade de mais de uma década, tendo sido orientado e coordenado por professoras e professores importantes, com destaque para a supervisora Christina Streva e, mais recentemente, a presença do artista Ricardo Nolasco, numa pesquisa conjunta com a Selvática Produções. O Cabaré Incoerente apresenta agora *Cabaré Cibernético*, com direção de Luisa Rumchinsky e dramaturgia de Beatriz Linhales.

Como o próprio nome diz, é um cabaré que parte das tecnologias do mundo cibernético, desses tempos tecnológicos, hipertecnológicos, ultratecnológicos, dessa era digital. E é muito interessante o trabalho porque, de alguma forma, explora especialmente a questão da hipersexualização no mundo digital, nas redes sociais, nos aplicativos de relacionamento, no uso das câmeras, no uso do sexo e do próprio corpo enquanto mercadoria nesse mundo digital e online, em diferentes plataformas.

É um trabalho que traz cenas muito interessantes. Logo nos primeiros momentos, acontece uma dublagem de um dos performers da canção *Alien Superstar*, de Beyoncé, do álbum *Renaissance*, que é também justamente um álbum que traz uma atualização do tempo e do tecnológico, da música dance, da música dance pop, e que usa esse nome, *Renaissance*, que vem de um período anterior da história, de um passado, de um momento que poderia ser considerado mais artesanal, mas que já era mais tecnológico em relação a séculos anteriores. E agora surge esse renascimento, essa renascença, esse renascentismo do século XXI.

Logo no início do trabalho, são apresentadas cada uma daquelas personas que performam neste cabaré. A música ao vivo é muito interessante e compõe bastante a encenação. A musicalidade está presente ao longo de todo o trabalho, em diferentes performances musicais, em diferentes canções entoadas pelas atrizes e pelos atores. Há também a dimensão da projeção ao vivo, que acontece em muitas cenas, em que aquilo que se passa no palco, no teatro, é acompanhado em paralelo pelas cenas exibidas no vídeo, na projeção, na tela.

Numa das primeiras performances, um dos primeiros números, acontece um pot-pourri de várias canções que estão hoje no TikTok, no Spotify, nos diversos vídeos e reels que circulam nas redes sociais e que muitas vezes são usados e viralizam por causa dessas plataformas digitais. Chamam a atenção algumas dessas canções. Por mais que o cabaré tenha um caráter de crítica, de denúncia, quando são utilizadas algumas músicas com letras muitas vezes de teor machista ou de objetificação e sexualização do feminino, cabe uma reflexão sobre a escolha dessas músicas, sobre o porquê de, mais uma vez, utilizá-las, ainda que em caráter de deboche, ainda que em caráter de paródia. É importante haver um posicionamento sobre essa crítica também, sobre essas canções, muitas vezes com um teor bastante machista.

É interessante porque, logo no início, acontece também a performance da canção *Baby Me Atende*, com seu conhecido refrão sobre a vontade de tacar o celular na parede, que ganhou muita expressividade nos últimos anos nesse universo dos hits e que traz também essa contradição entre aquilo que é considerado trash, bagaceira, e aquilo que é considerado digital, tecnológico.

Há uma presença feminina muito forte. As atrizes aparecem em diferentes números e com uma presença muito marcante. Os três atores também, homens gays, apresentam diferentes performances, inclusive uma das cenas traz uma realidade do aplicativo Grindr, que hoje, de alguma forma, está presente na vida de muitas pessoas LGBTQIAPN+, especialmente homens gays.

Um aplicativo que expõe diversas violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+, que escancara como a hipersexualização, a objetificação e o sexo a qualquer custo estão

presentes nessas plataformas. Os códigos, as linguagens que reafirmam, mais uma vez, uma cultura sexista, machista, homofóbica, heteronormativa, masculinista e masculinizadora dentro do próprio aplicativo. E como essa contradição está presente dentro do próprio universo gay, em que muitos homens gays ainda são machistas, homofóbicos, misóginos e transfóbicos. Para ser gay dentro dessa cultura, parece ser necessário atender a um padrão de masculinidade, de corpo e de vivência sexual.

Uma letra que faz um deboche do aplicativo, mas que expõe essa violência diária. Uma violência sofrida muito por homens gays, mas é importante destacar que também existem muitas pessoas trans nesse aplicativo, uma questão que ganha ainda mais relevância a partir de uma perspectiva crítica trans. É forte também um dos relatos dessa cena, em que acontece uma situação de incesto entre dois irmãos, um que é gay já assumido, usando essa palavra a partir do que a sociedade convencionou chamar, e outro que ainda vive como um gay enrustido, um gay não afeminado, um gay sigiloso.

Outra cena que chama muita atenção é a performance da drag queen que está no cabaré, em que ela flerta com a pós-pornografia, com o universo pós-pornô, com as perspectivas queer da pós-pornografia. E acaba plugando o dispositivo, o cabo da internet, no seu ânus, no seu cu. É uma imagem absurda, mas muito interessante, quando ela vai passando esse cabo por diferentes partes do corpo até penetrar no próprio cu. O que também traz muitas imagens, muitas leituras, muitas percepções sobre a questão do falocentrismo, do tabu em relação ao sexo anal, do tabu em relação ao próprio cu na sociedade.

Outra cena que chama atenção é aquela em que uma atriz representa uma senhora idosa, em meio aos desafios com o celular e as redes sociais. Uma cena que usa da repetição para provocar o efeito de riso, de comicidade. E são excelentes as atuações de todo o elenco, formado por Beatriz Linhales, Chico Moraes, Isabella Brookes, Mavi Bello, Pedro Scovino e Tomás Santa Rosa.

Uma outra cena muito forte acontece entre um ator e uma atriz, mostrando a evolução de um relacionamento através de hashtags, diferentes hashtags. Essa relação vai evoluindo até chegar a um momento mais íntimo entre os dois personagens, até chegar ao ato sexual. E a

plateia é colocada numa situação de poder escolher ou não se uma violência vai ser reproduzida mais uma vez ali no palco, uma situação de violência, de assédio, de abuso contra a mulher.

Felizmente, no dia da apresentação pública, escolheu-se por não violentar essa vítima mais uma vez, por não forçar essa vítima novamente a uma exposição sexual com a qual ela não consentiu. Mas foi uma cena muito forte, que deixou também essa reflexão, essa provocação sobre reproduzir mais uma vez a violência em cena. É muito importante a denúncia, que traz esse incômodo, esse constrangimento da plateia. E, ao mesmo tempo, esse desconforto: qual o lugar do desconforto? Por que, mais uma vez, trazer o desconforto? A partir de uma perspectiva de mulher trans, esse momento do espetáculo também provoca atravessamentos profundos.

Há diferentes números com cantos muito bonitos, que também exploram o lugar do feminino, o lugar da sensualidade, o lugar do afeto. É um trabalho que está o tempo inteiro trazendo o digital, esse ultratecnológico, e esgarça isso às últimas consequências, mostrando como essas tecnologias têm afetado e prejudicado as vidas das pessoas, ainda que tenham também seus avanços e benefícios. Mas algo que o trabalho traz muito fortemente como mensagem é como essa ultramaquinização das relações tem distanciado as pessoas do afeto, da presença, da comunicação, do aqui e agora.

É um espetáculo muito divertido. A plateia riu e se divertiu do início ao fim. E é preciso, de algum modo, refletir, amadurecer sobre como esse riso é um riso de denúncia, é um riso de crítica, é um riso de alerta, é um riso de nervoso diante desse horror. E como é possível sair de lá também com a crítica, com a reflexão, e não apenas com o riso. Porque, infelizmente, as violências, as diferentes opressões e atravessamentos, e a questão também da saúde mental, que é muitas vezes fragilizada por essas tecnologias, tudo isso é muito real, é muito atual. E, de alguma forma, é possível se engajar para também cuidar e proteger as pessoas nesse mundo extremamente virtualizado.